



Caro,

Lembro-me, dos meus tempos de viajante, de caminhar, de caminhar horas a fio com os pés calejados e o corpo dolorosamente castigado pelas intempéries. Acreditas em mim quando te digo que nada disso me incomodava? Havia dentro de mim uma sensação de transcendência, achava-me invencível, imparável. E viajava (mesmo sem ter destino certo nem caminho traçado) para curar as maleitas que me afligiam o espírito, para me sentir leve e íntegro.

Nas ruas, nas praças, nos cafés, desfrutar da vida não me exigia qualquer esforço interior. O canto das aves, os pregões berrados pelos feirantes, as peles queimadas do sol, o cheiro a mar, tudo isto despertava em mim uma felicidade tremenda, só por estar ali, só por fazer parte daquele cenário.

Sem a minha dose regular destas sensações pequenas, quase invisíveis a olho nu mas indispensáveis, os sentidos vão ficando entorpecidos e as rotinas caseiras rapidamente se degeneram numa frustrada hostilidade contra a própria pessoa.

Por isso, caro amigo, quando te digo para viajares, fá-lo depressa, não hesites! Há, na viagem, algo de terapêutico, uma paz que nos enche a alma, um descanso, um sossego interior. Por isso, caro amigo, não hesites quando te digo para viajar!

Do teu amigo

(e experiente viajante).

Alexandra Raquel Clérico Lourenço (10.º ano), Escola Secundária Quinta das Palmeiras